

A confissão e a Vulgata-«Queste»

No IV Concílio de Latrão, em fins de 1215, determinou a Igreja que todos os fiéis, chegados ao uso da razão, se confessassem e comungassem ao menos uma vez por ano, pela Páscoa: «*Omnis utriusque sexus fidelis, postquam ad annos discretionis pervenerit, omnia sua solus peccata confiteatur fideliter, saltem semel in anno, proprio sacerdoti, et injunctam sibi paenitentiam studeat pro viribus adimplere, suscipiens reverenter ad minus in Pascha eucharistiae sacramentum, nisi forte de consilio proprii sacerdotis, ob aliquam rationabilem causam, ad tempus ab ejus perceptione duxerit abstinendum, alioquin et vivens ab ingressu ecclesiae arceatur et moriens christiana careat sepultura*».

Vem isto no cân. 21 e notamos, desde já, que os cavaleiros andantes, sem lugar certo para viver, podiam neste caso confessar-se aos sacerdotes que encontrassem no caminho, fossem eles párocos, ermitas ou monges com as devidas licenças.

Este preceito, que os padres conciliares classificam de salutar (*salutare*), deviam todos conhecê-lo e, por isso, manda o IV Concílio de Latrão que o lembrem ao povo e o puguem, a fim de não alegarem ignorância da lei.

Supõe isto uma catequese em grande estilo, reforçada com a ameaça de excomunhão para quem, de propósito, recusasse cumprir a lei. E se morresse, privavam-no de sepultura eclesiástica.

Desde os tempos carolíngios que a confissão preparatória da comunhão pascal tendia a espalhar-se. Alguns mais fervorosos costumavam até confessar-se e comungar pelo Natal, Páscoa e Pentecostes. Conselho, não um dever obrigatório. Só o IV Concílio de Latrão, embora de forma puramente disciplinar, transformou a confissão pascal, recomendada pelos pregadores dos sécs. XI e XII,

em obrigação de preceito para todos. E se os pregadores dos sécs. XI e XII insistiam com os fiéis para ao menos se confessarem e comungarem uma vez por ano, vinha isso dum certo declínio, entre os fiéis, na prática de tão santo costume.

Recordemos agora estas linhas de Martin de Riquer: «Entre 1215 et 1230 se place la rédaction d'une très vaste compilation de la légende du graal, faussement attribuée à Walter Map; elle représente le plein développement du thème et son expression la plus riche en intentions et la plus cohérente. Elle porte le nom du *Grand Saint Graal*, de *Lancelot-Graal*, ou plus simplement de *Vulgate*, cette dernière dénomination étant la plus commode. Il s'agit d'un vaste cycle formé par cinq longs romans en prose: *Estoire del Saint Graal*, *Merlin*, *Lancelot*, *Queste del Graal* et *Mort Artu*. Ces trois derniers romans, bien qu'ils soient sûrement dus à trois auteurs différents, par leur structure et leurs relations mutuelles montrent clairement qu'ils furent rédigés sous la direction d'un écrivain qui avait conçu le plan de l'oeuvre tout entière»¹.

A *Estoire del Saint Graal* corre em medievo-português sob o nome de *Livro de José de Arimateia*. O *Merlin* achava-se também traduzido em português, na biblioteca del-rei D. Duarte. Quanto à *Queste del Saint Graal*, passou ao nosso idioma, não à base da *Vulgata-Queste*, mas sim através duma refundição francesa, com grandes interpolações doutros romances, entre elas o resumo do final da *Mort Artu*.

Deixemos agora de lado a versão portuguesa e sigamos a *Queste del Saint Graal*, ou *Vulgata-Queste*, na edição de Pauphilet. Escreve ele, na introdução: «On ne saurait donc parler d'une date générale de composition. Pour ce qui est de la *Queste*, comme elle utilise le poème de Robert de Borron et qu'à son tour elle est utilisée par Manessier, elle se place entre ces deux écrivains; on peut admettre la date moyenne de 1220»².

Em suma, nasceu a *Vulgata-Queste del Saint Graal* (ou simplesmente *Vulgata-Queste*) no tempo do IV Concílio de Latrão ou pouco depois. Pauphilet adopta a média de 1220 e talvez não erre muito. E tanto assim que, na *Vulgata-Queste*, certo ermita ralha com Galvão e espanta-se por ele não se confessar há quatro anos. Não veríamos razão para tal espanto, se a confissão anual se limitasse

¹ MARTIN DE RIQUER, no *Dictionnaire des Lettres Françaises* (Paris, 1964), p. 331, *Graal*.

² *La Queste del Saint Graal* (Paris, 1965), ed. Pauphilet, p. III.

a ser ainda um simples conselho e não fosse já obrigação severa, decretada pela Igreja em 1215.

Na Vulgata-*Queste*, assoma, com frequência notável, a apologia da confissão, seguida pela comunhão. Uma vez, cavaleiros moribundos. Noutros casos, cavaleiros de passagem, sabem todos ou ouvem aos eremitas que a confissão é a porta dos pecadores para Deus, erguendo a alma do plano terreal ao plano celestial da cavalaria de Cristo. É este o Alto-Mestre, ou melhor, o Grão-Mestre, como se estivéssemos a tratar dos Templários.

No começo da demanda do Santo Graal, choravam de verdade os corações enamorados da corte do reino de Logres, pelos 150 cavaleiros que iam partir. Da rainha Ginevra, nem se fala. Deus lhe perdoe mas, apesar de casada com o rei Artur, vivia presa a Lançarote do Lago, pai de Galaaz. Por isso não podia reter as lágrimas, *dolente* por também Lançarote abalar nesta aventura de um ano e um dia! Quantos deles não voltariam mais, levados pela morte! E antes mesmo de jurarem que andariam na demanda o prazo todo, já as esposas e as *amigas* tinham resolvido acompanhá-los, sem se importarem com nada.

Eis senão quando, um homem-bom, já velho e com o hábito de religião, chegou-se ao rei Artur e bradou alto, para todos ouvirem: — Escutai, vós todos, cavaleiros da Távola Redonda, que jurastes a demanda do Santo Graal! Enviou-me o ermita Nascimento a dizer que nenhum de vós leve consigo dama nem donzela, não vá cair em pecado mortal. E que ninguém entre nesta demanda sem se confessar primeiro. Tão alta aventura só pode levar-se a cabo com a alma limpa: «ne nus n'i entre qui ne soit confés ou qui n'aille a confesse, car nus en si haut servise ne doit entrer devant qu'il soit netoyez e espurgiez de totes vilanies et de toz pechiés mortex»³. É que não se tratava de qualquer demanda terreal.

Em suma, nas empresas espirituais devemos entrar de coração puro. Porém, confessaram-se todos? Não.

Vamos indo ao longo dos caminhos incertos. Meliante, um rapaz de grande brio, pediu a Galaaz que o armasse cavaleiro e seguiram, ambos juntos, até a uma cruz, onde o caminho se partia em dois. E na cruz, liam-se estes dizeres: «Ó tu, cavaleiro em busca de aventuras, tens aqui dois caminhos, o da direita e o da esquerda. Não vás pelo caminho da esquerda, pois quem nele entrar precisa de ser

³ *Ib.*, p. 19.

homem de muita cavalaria, se dele quiser sair. Mas se meteres pelo caminho da direita, bem depressa poderás morrer».

Entrou Meliante pela esquerda, meteu-se em complicações e só lhe valeu Galaaz, que o achou por terra e mal ferido. O corpo doía-lhe muito e só queria agora não morrer ali no descampado, mas sim em qualquer abadia, *come bons crestiens*⁴. Que por enquanto não lhe tirassem o ferro do corpo, pois correria ainda mais sangue e ele precisava de se confessar: «devant se que je fusse confés». Galaaz conseguiu levar o moribundo ao mosteiro e o ferido confessou-se e comungou: «Et quant il fu confés et il ot crié merci come bons crestiens, si receut *Corpus Domini*»⁵. A seguir, disse para Galaaz: Senhor, venha agora a morte, que eu estou bem preparado para a receber.

Arrancaram-lhe o ferro e Meliante desmaiou. Contudo, não morreu daquela vez, pois um monge da abadia e cavaleiro experiente de tempos antigos sarou-lhe habilmente as feridas⁶.

Em conclusão, o bom Meliante sabia que, para bem morrer, tinha de se confessar, havendo sacerdote. É claro que, na hora da morte, muito antes do IV Concílio de Latrão, era corrente a confissão. Porém, o Concílio sobredito de Latrão, cân. 22, insistia com os médicos para os doentes, antes de tudo, receberem os sacramentos, tanto mais que isso ajudaria o enfermo a curar-se pela boa disposição da alma. Sabendo-o ou não, Meliante seguiu o espírito da Igreja e as normas de Latrão. Confessou-se e comungou.

Passemos agora a Galvão, o cavaleiro de má estrela e que tanta gente desgraçou. Cavalgava ele e chegou a uma capelinha, onde um ermita rezava as vésperas de Nossa Senhora. Galvão foi bem acolhido e conversou com o religioso. Que andava na demanda do Santo Graal e que era de tal ou tal parte. Do Santo Graal, passaram a falar da confissão. Confessai-vos a mim, disse-lhe o ermita e eu vos aconselharei depois.

Era homem avisado, este padre, e já velho. Galvão sentia certa vontade ao menos de desabafar e contou-lhe o que mais lhe pesava na consciência. E quando o homem-bom quis saber há quantos anos ele não se confessava, respondeu que havia quatro: «Si trova li preudons qu'il avoit passés quatre anz qu'il n'avoit esté confés»⁷.

⁴ *Ib.*, p. 42.

⁵ *Ib.*, p. 43.

⁶ *Ib.*, pp. 43-44.

⁷ *Ib.*, p. 54.

Isto de o homem-bom se espantar de Galvão andar há quatro anos sem confissão e de, sem mais preparações, lhe chamar servo mau e desleal, parece-nos supor já a existência do sobredito cân. 21, pois seria falta de caridade tratar assim um homem, por não se confessar há quatro anos, não sendo ainda esta prática gravemente obrigatória. Estamos, pois, a seguir ao IV Concílio de Latrão. Servo mau e desleal até consigo mesmo, pois não defendia o tesouro da sua alma, que pertencia a Deus!

Galvão abalou na manhã seguinte. Tinha-se aberto com o ermita, mas não se confessara a ele e faltava-lhe arrependimento dos seus pecados e crimes. Estamos num tempo em que já não bastava confessar-se unicamente à hora da morte, ou lá de longe em longe. Quatro anos sem confissão, contra as determinações do IV Concílio de Latrão, eram o índice dum péssimo estado de alma.

Por sua vez, Lançarote do Lago, embora longe da arbitrariedade cruel de Galvão e possuindo grandes qualidades, vivia amigado com a rainha Ginevra. E uma voz advertiu-o: Que não se aproximasse do Santo Graal, pois não era digno de o contemplar de perto. E a voz acentuou duramente: «Va t'en de ci»⁸. Fora daqui!

Foi-se de facto embora e, ao chegar ao cruzeiro, não achou lá o elmo, nem a espada ou o cavalo. Começou a lamentar-se da sua má sorte. Tudo isto vem dos meus pecados e da minha má vida! dizia ele. Triste foi aquela noite. Ao romper do dia, quando as aves já cantavam alegremente no bosque, a dor de Lançarote continuou. A perda dos cavalos e das armas fora castigo de Deus! E perdeu a esperança.

A hora de prima, entrou num capelinha isolada, onde um ermita ia começar a rezar missa. Ajoelhou-se e bateu o *mea culpa* pelos seus pecados. No fim, ele e o ermita começaram a conversar e o bom do velho achou que Lançarote era da corte do rei Artur e da Távola Redonda. — Quereis alguns conselhos ou desejais confessar-vos?, interrogou o homem-bom.

Lançarote respondeu que sim: — *Sire, oil* — Pois seja como Deus quer. Admirava-se o ermita da tristeza de Lançarote, pois dele se contavam maravilhas e Deus concedera-lhe grandes qualidades. Por conseguinte, que servisse bem a Deus Nosso Senhor e não fosse como aquele servo do Evangelho que enterrou o talento em vez de o pôr a render. Lançarote devia começar por arrepender-se já, confes-

⁸ *Ib.*, p. 61.

sar-se com dor e mudar de vida: «se vos prochainement ne le criez merci en confession veraie et en repentance de cuer et en amendement de vie».

Lançarote impressionou-se com a parábola dos talentos e concordou: Ele fizera, de facto, guerra a Deus e entrara pela estrada larga do pecado. Este sabia-lhe a mel, mas levava ao Inferno.

O ermita ia-o animando. Bom é Deus, que estende os braços misericordiosos para os pecadores e exclama: «Venez, venez». Pois bem, que Lançarote marchasse ao seu encontro, confessando-se e mudando de vida: «de veraie confession de bouche et de repentance de cuer et en amendement de vie»⁹.

Lançarote, após uma primeira e teimosa falta de coragem, entrou a confessar-se, revelando sobretudo os seus amores com a rainha Ginevra. Ela protegera-o tanto que fizera dele um dos maiores fidalgos da corte. Por outro lado, o ermita era compreensivo e justo. De nenhum modo negava, por exemplo, as qualidades da rainha e a sua dedicação por Lançarote. Mas, pecar, não! E Lançarote prometeu e cumpriu a promessa durante a demanda toda, como leal cavaleiro da Távola Redonda. Mais tarde, voltou ao que dantes era. Mas ali, diante do ermita, foi sincero. Por isso, recebeu a penitência e a absolvição do ermita. No final, este deitou-lhe a bênção e aconselhou-o a esperar que lhe mandassem as armas e o cavalo que pedira para ele. As conversas com o confessor tinham feito bem a Lançarote e ele deixou o «fole amor vers la reine»¹⁰.

Três dias ali esteve Lançarote. Ao quarto, montou a cavalo e meteu-se pela floresta dentro, chorando e pedindo a Deus que o amparasse. Lá mais para diante, outro solitário aconselhou-o também a confessar-se, pois Lançarote não devia ser o convidado do Evangelho sem a veste nupcial, «desgarniz et desnuez de veraie confession et de bones oevres»¹¹. E ouvimos a grande pergunta do ermitão: Tinha-se ele confessado após a entrada na demanda do Santo Graal?: «Il li demande s'il avoit esté confés puis qu'il entra en la Queste»¹². E ao responder ele que sim (*oïl*), o ermita ouviu-o e animou-o, garantindo a Lançarote que a graça de Deus o transformaria em templo e altar do Senhor, onde ele habitaria: «il se herbergera dedenz toi». Em suma, Deus habitaria nele pela graça.

⁹ *Ib.*, pp. 62-65.

¹⁰ *Ib.*, p. 71.

¹¹ *Ib.*, p. 128.

¹² *Ib.*, p. 128.

Passaram o dia nestas conversas, comeram pão, beberam cerveja e pouco dormiram. Ao amanhecer, deu-lhe o homem-bom um áspero cilício para trazer na demanda e disse-lhe para entretanto não comer carne nem beber vinho. Quanto à confissão, este ermita vai bem mais longe, dizendo-lhe para se confessar todas as semanas: «qu'il ne soit chascune semaine confés, si que li anemis n'ait pooir de lui maufere»¹³.

Continuou Lançarote a atravessar a floresta e encontrou, no caminho, uma donzela, a cavalo num palafrem branco. Perguntou-lhe onde poderia ele passar a noite: — Só amanhã, respondeu ela, é que achareis casa para descansar.

Ao anoitecer, Lançarote pôs-se a rezar de joelhos em frente dum cruzeiro e encostou-se depois a uma pedra. Assim adormeceu e teve um sonho misterioso. Ao amanhecer, montou a cavalo, sempre a cismar no sonho, e galopou até ao meio-dia. Ora, num certo vale, saiu-lhe ao encontro o cavaleiro que, poucos dias atrás, lhe roubara as armas. E agora, queria matar Lançarote. Este, porém, levou a melhor, continuou o seu caminho e, ao findar o dia, parou diante duma ermida, a ver se ali podia abrigar-se. — Que sim, respondeu o ermitão, e seria como Deus quisesse.

Ele mesmo tirou os arreios ao cavalo e lançou-o a pastar, levando para a casinha a espada e o escudo. Após as vésperas de Nossa Senhora, começou a falar com Lançarote e este desabafou com muitas lágrimas. Enfim, confessou-se a pedido do ermita: «qu'il li die toute sa confession et tout son estre»¹⁴. No final, o homem-bom começou a animá-lo e explicou-lhe, por fim, o enigma do sonho com o homem rodeado de estrelas.

Não podemos fugir à insistência da Vulgata-Queste na confissão. Certa vez, até Galvão ajudou a levar um cavaleiro, ferido de morte, e ansioso por confessar-se antes de entregar a alma a Deus. Chegaram a certa abadia e, antes de comungar, o pobre homem acusou-se dos seus pecados em voz alta. E os que ali estavam escutavam, talvez sem grande vontade: «et se fet confés, oiant toz cels de la place, de toz ses pechiez dont il se sent corposables vers son Criator»¹⁵.

Após a comunhão, pediu o moribundo que lhe arrancassem a espada do corpo. Assim fizeram. O homem sentiu uma dor enorme e morreu¹⁶.

¹³ *Ib.*, p. 129.

¹⁴ *Ib.*, p. 133.

¹⁵ *Ib.*, p. 153.

¹⁶ *Ib.*, pp. 153-154.

Ah!, se todos os cavaleiros da Távola Redonda tivessem entrado na demanda, como se ela fosse de verdade um serviço de Deus! Porém, não fizeram assim: «Quant il se partirent de cort, il n'alerent mie a confession, come cil doivent fere qui se metent ou servise Nostre Seignor»¹⁷. E escutamos, um pouco mais adiante, a apologia da confissão que um ermita faz a Boorz. Sem ela, não se limpa a alma e não tiramos desta o demónio. Pecar mortalmente é receber dentro de nós o diabo. E pela confissão, mesmo 10 ou 20 anos depois, expulsamo-lo de nós e Cristo volta ao nosso coração. É este sacramento a porta da alma: «Par cele porte, qui est apelee confession, sanz quoi nus ne puet venir a Jhesucrist»¹⁸. E o padre está no lugar de Cristo, ao perdoar os pecados.

Na manhã seguinte, confessou-se Boorz ao *preudome*: «et se fet confés a lui de toz les pechiez dont il se sent corposables vers son Creator»¹⁹. Assistiu depois à missa e recebeu o Corpo do Senhor. Cavaleiro celestial, eis o seu ideal. Por isso, encomendou-se às orações do ermita e galopou até à hora de noa, pelas três horas da tarde.

O resto não interessa para o que temos em vista. Voltamos agora para trás e tornamo-nos a fixar na doutrina sobretudo dos ermitas, na confissão dos cavaleiros e na apologia da confissão sacramental como porta para Cristo. Dez ou vinte anos de pecados, pode redimi-los numa só vez a misericórdia de Deus, através do confessor, no lugar de Deus. Confessem-se, para se tornarem espirituais. Quatro anos sem confissão é um grande mal. E quanto ao caminho da devoção, ouvimos um ermita aconselhar a confissão todas as semanas. Se estamos em pecado mortal, libertamo-nos pela confissão da *inabitação* do diabo em nós e damos lugar a Cristo.

Tais apologias nas conversas dos ermitas com Lançarote do Lago, Persival e outros, podemos considerá-las um eco lateranense, digamos assim, nas páginas da *Vulgata-Queste*, uma nota repetida com tal força que não nos parece uma coisa fortuita. E só assim, repetimos, imaginamos bem o espanto do ermita, por Galvão andar há quatro anos sem se confessar. É que a confissão anual passara duma prática aconselhável a um mandamento da Igreja. E foi isto em 1215, pouco tempo antes de aparecer a *Vulgata-Queste*.

MÁRIO MARTINS

¹⁷ *Ib.*, p. 157.

¹⁸ *Ib.*, pp. 162-163.

¹⁹ *Ib.*, p. 166.